

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
COLÉGIO POLITÉCNICO DA UFSM  
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM GESTÃO DE  
COOPERATIVAS**

**O INGRESSO E A PERMANÊNCIA NUMA  
COOPERATIVA-ESCOLA: O CONHECIMENTO  
E A PARTICIPAÇÃO COMO INDICADORES DE  
ANÁLISE**

**TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO**

**CÍNTIA DE FÁTIMA DA ROSA CONCEIÇÃO**

**Santa Maria, Rs, Brasil  
2014**

—

**O INGRESSO E A PERMANÊNCIA NUMA COOPERATIVA-  
ESCOLA: O CONHECIMENTO E A PARTICIPAÇÃO COMO  
INDICADORES DE ANÁLISE**

**CÍNTIA DE FÁTIMA DA ROSA CONCEICÇÃO**

**Trabalho Final de Graduação ao Curso de Tecnologia em Gestão de Cooperativas, da  
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, Rs), para obtenção do grau de  
Tecnólogo em Gestão de Cooperativas.**

**Orientador: Prof. Moacir Bolzan**

**Santa Maria, Rs, Brasil.  
2014**

# **O INGRESSO E A PERMANÊNCIA NUMA COOPERATIVA-ESCOLA: O CONHECIMENTO E A PARTICIPAÇÃO COMO INDICADORES DE ANÁLISE**

Elaborado por  
**Cíntia de Fátima da Rosa Conceição**

Como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Tecnólogo em Gestão de Cooperativas**

## **COMISSÃO EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Moacir Bolzan**  
**Universidade Federal de Santa Maria**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia Lenir Gerhardt**  
**Universidade Federal de Santa Maria**

---

**Prof.<sup>a</sup> Michele Severo Gonçalves**  
**Universidade Federal de Santa Maria**

**Santa Maria, 13 Janeiro de 2014.**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a minha família e a todos que de alguma forma contribuíram para o sucesso e conclusão do mesmo.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, pela vida e pelas graças, mas também a todas as dificuldades que enfrentei; não fosse por elas não teria saído do lugar.

Agradeço a Universidade Federal de Santa Maria, na pessoa de seus professores e demais funcionários, pela oportunidade de estudar e realizar o meu desenvolvimento junto à sociedade.

Agradeço ao meu orientador Prof. Moacir Bolzan pelas horas despendidas, pelo apoio na realização deste trabalho.

Agradeço ao amor incondicional do meu filho e minha família, que sempre estiveram ao meu lado me dando suporte para seguir e suportando muitas vezes a minha ausência.

Agradeço a todos os colegas da Cooperativa dos Estudantes do Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria (CESPOL) que estiveram presente neste tempo.

Agradeço a todos os colegas, amigos e pessoas próximas a mim, que de alguma forma contribuíram para a finalização deste trabalho.

## **RESUMO**

Trabalho Final de Graduação  
Colégio Politécnico da UFSM  
Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Cooperativas  
Universidade Federal de Santa Maria

### **O INGRESSO E A PERMANÊNCIA NUMA COOPERATIVA-ESCOLA: O CONHECIMENTO E A PARTICIPAÇÃO COMO INDICADORES DE ANÁLISE**

AUTOR: Cíntia de Fátima da Rosa Conceição  
Orientador: Prof. MOACIR BOLZAN  
Data e Local da Defesa: Santa Maria, 13 Janeiro de 2014.

A proposta desse trabalho é identificar dois aspectos fundamentais da relação associado/cooperativa. O primeiro é ter a percepção se o associado se apropria dos conhecimentos, suficientes sobre cooperativismo, que lhe atribua às condições necessárias para decidir favoravelmente para ingressar numa cooperativa-escola.

O segundo é identificar a situação das práticas de participação desse associado como garantia de permanência com significativo aprendizado dos objetivos a que se propõe o cooperativismo na sua essência. O público escolhido são alunos do Curso Técnico em Agropecuária que de modo espontâneo responderam os questionários. A preferência pelos associados deste curso se deve ao fato de estarem envolvidos nos setores de produção que mais disponibilizam produtos a serem comercializados através da Cooperativa - Escola. As respostas oferecidas por dez associados revelaram que o/ ingresso na CESPOL é uma decisão consciente construída por um eficiente conjunto de informações sobre cooperativismo, repassado aos estudantes que ingressam no Colégio Politécnico, no entanto, as práticas internas de participação desses associados não expressam os padrões de satisfação que se ajustam aos princípios de uma gestão democrática, participativa e de promoção da autonomia dos sujeitos.

**Palavras- chaves:** Conhecimento. Cooperativismo. Participação.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>1.1 OBJETIVA.....</b>	<b>8</b>
<b>1.2 JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>9</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>10</b>
2.1 Origem das Cooperativas .....	10
2.2 Cooperativismo no Brasil .....	13
2.3 A ideia de participação e a sua aplicação ao cooperativismo.....	14
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>15</b>
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>16</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>21</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>23</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>25</b>

## 1. INTRODUÇÃO

No mundo contemporâneo o domínio do conhecimento e a ampliação dos espaços de participação na esfera do trabalho tem ocupado uma dimensão crescente, não apenas nos debates da mídia, mas também nas orientações específicas que as instituições de formação profissional têm dado aos que tem a pretensão de ingressar no mundo do trabalho.

No caso específico das cooperativas é perceptível que a temática tem assumido contornos decisivos na orientação de um desempenho eficaz a todos os que estão envolvidos com essas questões.

Nesse sentido, este artigo apresenta os resultados obtidos numa pesquisa efetivada na CESPOL-UFSM quanto aos aspectos de domínio do conhecimento teórico sobre cooperativismo e das práticas participativas dentre os seus associados.

As seções do trabalho são apresentadas de forma sintética e discorrem em sequência sobre referencial teórico, metodologia, resultados e discussões e considerações finais.

É importante observar que os resultados são apresentados de forma descritiva, sem tratamento estatístico de análise de seu significado, uma vez que a pretensão é acima de tudo compartilhar essas informações, para oferecer subsídios e promover discussões que possam contribuir com a melhoria do que foi investigado.

### **Objetivo**

- Analisar aspectos teóricos do conhecimento e da participação que circulam dentre os sócios da Cooperativa Escola do Colégio Politécnico da UFSM.



## 1.2 Justificativa

Para uma cooperativa, o domínio do conhecimento sobre cooperativismo pelos sócios, sua gestão democrática e participativa são de suma importância para o bom funcionamento da mesma. Quando se diz que não visar lucro é uma das características da cooperativa não quer dizer entidade beneficente, mas sim uma forma diferente de dividir o lucro, ou seja, uma empresa vinculada ao social, pois busca satisfazer as necessidades das pessoas.

Esta pesquisa se dá em um momento onde o cooperativismo em si, está em alta. Mas em se tratando de tarefa educacional, uma Cooperativa-Escola apresenta um desafio ainda maior, que é o de fidelizar, o seu associado por um curto período, já que geralmente coincide com o tempo do curso dos estudantes.

Assim a, educação cooperativa se define como um conjunto de valores e princípios que expressam a doutrina do cooperativismo, proponente de um estilo de economia e de sociedade, de vida e de trabalho, e que se supõe deva orientar as ações á qualquer associado, levando-o a conhecer seus direitos e deveres enquanto sócio, percebendo a diferença entre empresas capitalistas convencionais e cooperativas, levando-o a respeitar o estatuto e o regimento interno, agindo pelo interesse coletivo e não só pessoal, pois importa educar para valorização do empreendimento coletivo. (SCHNEIDER, 2010).

O presente trabalho tem a pretensão de colaborar com o desenvolvimento da consciência dos associados, apontado para a necessidade de dominarem os fundamentos do cooperativismo e de seus princípios, despertando para a maior participação e educação cooperativa, com isso experimentar uma gestão de qualidade.

Ainda, justifica-se a realização deste trabalho pela ideia de auxiliar a CESPOL na construção de uma cooperativa mais transparente em relação a direitos e deveres de seus associados, dentro da proposta de uma educação cooperativa onde cada um saiba com maior clareza seu papel dentro da mesma.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Origem das Cooperativas**

Envolvendo aspectos históricos, as cooperativas existem a mais ou menos 160 anos. A ideia é bastante antiga, mas se mantém viva e em constante atualização.

Na Inglaterra em 1844, 28 operários na sua maioria tecelões haviam perdido suas atividades, então se reuniram para encontrar solução para continuarem sobrevivendo do seu trabalho. As dificuldades eram muitas, mas a persistência e determinação desses tecelões fez com que conseguissem organizar a primeira Cooperativa. Após um ano de trabalho juntaram 28 libras com o propósito de ser fiéis aos princípios socialistas onde o trabalhador tem direito a voto e o capital é subordinado ao trabalho. A iniciativa tinha um bom fundamento, a participação de todos para o bem comum. Depois de alguns anos, a primeira cooperativa já contava com mais de 1.400 associados.

Assim, a cooperativa se tornou uma referência de sucesso na época incentivando as outras pessoas a fazerem o mesmo. Diante disso pode-se definir cooperativa como sendo a união de pessoas autônomas que se unem voluntariamente para satisfazer aspirações e necessidades econômicas, sociais e culturais comuns, por meio de uma empresa de propriedade coletiva e democraticamente gerida. (2013)<sup>1</sup>

Sabe-se que “As normas ou regras elaboradas pelos 28 tecelões, que fundaram em Rochdale (Inglaterra), em 1844, a Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale Ltda, vêm inspirando a atividade cooperativista do mundo inteiro, há mais de um século.” (PINHO, 1977, p.23).

As normas estabelecidas em 1844 primeiramente e, em 1854 foram modificadas pelos Pioneiros e mais tarde pelos cooperados presentes no Congresso Internacional promovido pela ACI (Aliança Cooperativa Internacional) em 1937 em Paris, e 1966 em Viena, sendo assim foi adotado universalmente como “princípios cooperativistas” e mesmo com todas as mudanças que ocorreram sejam estruturais de concorrência de empresas maiores e demais fatores, pode-se verificar que eles ainda seguem atuais. São eles: adesão voluntária e livre; gestão democrática; participação econômica de seus membros; autonomia e independência; educação, formação e informação; intercooperação e interesse pela comunidade.

Para fins deste estudo é relevante definir os seguintes princípios:

Gestão democrática - as cooperativas são organizações democráticas, controladas pelos seus membros, que participam ativamente na formulação das suas políticas e na tomada de decisões. Os homens e as mulheres, eleitos como representantes dos demais membros, são responsáveis perante estes. Nas cooperativas de primeiro grau os membros têm igual direito de voto (um membro, um voto); as cooperativas de grau superior são também organizadas de maneira democrática. (Segundo Princípio).

Participação econômica dos membros - os membros contribuem equitativamente para o capital das suas cooperativas e controlam-no democraticamente. Parte desse capital é, normalmente, propriedade comum da cooperativa. Os membros recebem, habitualmente, se houver uma remuneração limitada ao capital integralizado, como condição de sua adesão. Os membros destinam os excedentes a uma ou mais das seguintes finalidades: (Terceiro princípio)

- desenvolvimento das suas cooperativas, eventualmente através da criação de reservas, parte das quais, pelo menos será, indivisível;
- benefícios aos membros na proporção das suas transações com a cooperativa; e.
- apoio a outras atividades aprovadas pelos membros.

Autonomia e independência - as cooperativas são organizações autônomas, de ajuda mútua, controladas pelos seus membros. Se firmarem acordos com outras organizações, incluindo instituições públicas, ou recorrerem o capital externo, devem fazê-lo em condições que assegurem o controle democrático pelos seus membros e mantenham a autonomia da cooperativa. (Quarto Princípio).

<sup>1</sup> [http://www.ocb.org.br/site/brasil\\_cooperativo/index.asp](http://www.ocb.org.br/site/brasil_cooperativo/index.asp) Acesso em 24 nov.2013

Educação, formação e informação - as cooperativas promovem a educação e a formação dos seus membros, dos representantes eleitos e dos trabalhadores, de forma que estes possam contribuir, eficazmente, para o desenvolvimento das suas cooperativas. Informam o público em geral, particularmente os jovens e os líderes de opinião, sobre a natureza e as vantagens da cooperação. (Quinto Princípio).

Interesse pela comunidade - as cooperativas trabalham para o desenvolvimento sustentado das suas comunidades através de políticas aprovadas pelos membros (Sétimo Princípio)

Pode-se assim dizer, que a cooperativa tem um diferencial em relação a outros tipos de associação, pois sua função é expor os produtos dos cooperados no mercado tendo caráter além de econômico também social. (FALCÃO, 2006)

E também pode-se salientar que existem falsas cooperativas , que são associações criadas para fraudar os direitos do trabalhador onde o lucro, oferta de emprego entre outros são os atrativos usados para chamar os associados, mas junto a Organização das Cooperativas do Brasil (OCB) descreve-se que são doze os principais tipos de cooperativas existentes: Agropecuário, Consumo, Crédito ,Educacional, Especial, Habitacional, Infraestrutura, Mineral, Produção, Saúde, Trabalho , Turismo e lazer. Importa aqui definir o que é Cooperativa Educacional: Composta de profissionais em educação, de alunos, pais de alunos, de empreendedores educacionais e de atividades afins. Este tipo de cooperativa surgiu em 1987(GAWLAK, 2010).

Segundo Falcão, apud Schneider (1991, p.41), o desenvolvimento cooperativo nunca é um fato acabado ou definitivo devido à procura em ser uma organização livre, autônoma, inspiradas na autoajuda mútua e no predomínio do processo sempre a ser buscado e aperfeiçoado. Assim fica bem claro o porquê em manter os princípios sempre universalizados.

Sobre este assunto, Falcão (2006) diz que existe a possibilidade de mudança e evolução destes conceitos, já que considera os princípios como um processo a ser construído. Por isso a importância do cooperado entender o cooperativismo, seus princípios e de educação cooperativa.

## 2.2 Cooperativismos no Brasil

A cultura da cooperação é observada desde a época da colonização portuguesa. Esse processo emergiu no Movimento Cooperativista Brasileiro surgido no final do século IX, estimulado por funcionários públicos, militares, profissionais liberais e operários, para atender às suas necessidades. (OCB, 2013)

No Brasil, o cooperativismo aparece tanto como um instrumento eficiente para a organização econômica externa quanto para a comercialização interna. Sendo assim em 1847 foi fundada a colônia Tereza Cristina no Paraná organizada em forma de cooperativa. Em 1913, surgiu a Cooperativa dos Empregados e Operários da Fábrica de Tecidos da Gávea. E também neste mesmo ano no dia 26 de outubro de 1913, foi fundada na cidade de Santa Maria (RS), a COOPFER (Cooperativa dos Empregados da Viação Férrea) que desenvolveu suas funções de servir bem a seus cooperados sendo considerada a maior Cooperativa da América do Sul. Chegou a ter 23 mil associados e 1,5mil funcionários nas principais cidades do Estado. Sendo assim em dezembro de 1969 foi criada a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) e no ano seguinte foi registrada em cartório.

“Quando a Coopfer foi fundada, não havia previdência social organizada. A mesma criou uma caixa de pecúlios e montou um hospital próprio-Casa de Saúde- destinado a atender seus cooperados e dependentes. Desenvolveu uma rede de escolas primárias ao longo das linhas férreas, conhecidas como escolas de artes e ofícios, equivalente ao segundo grau, que foi pioneira no ensino técnico e responsável pela formação de ótimos profissionais”. (VEIGA et al. 2002,p.28)

Nascia uma entidade responsável pelo desenvolvimento do cooperativismo no Brasil. A partir daí, teve início a luta da diretoria para conquistar amparo legal para o sistema cooperativista brasileiro. O resultado veio em seguida com a promulgação da Lei 5.764, em 16 de dezembro de 1971. Esta lei substituiu toda a legislação anterior a respeito do Cooperativismo e reuniu os vários aspectos do movimento, incluindo a unificação do sistema em torno da representação única pela OCB.

A Lei 5.764/71 é um divisor de água do movimento. Dela organizou-se e viabilizou-se a OCB, que então pôde promover a organização das entidades estaduais representativas, uma vez que passou a ser a representante única do Cooperativismo em âmbito nacional.

Com isso, as cooperativas passaram a se enquadrar num modelo empresarial, permitindo sua expansão econômica e sua adequação às exigências do desenvolvimento capitalista sem perder sua identidade.

### **2.3 A ideia de participação e a sua aplicação ao cooperativismo**

A ideia de participação está presente no cooperativismo desde a definição dos seus princípios a partir da experiência pioneira em Rochdale (1844). Nos princípios de adesão livre e voluntária, controle democrático pelos sócios e participação econômica dos associados é que se efetiva na prática a concepção de participação.

Conforme Schneider (1999), o conceito de democracia que mais se aplica ao cooperativismo, em geral, prega como democracia a relação um homem um voto o que significa, desse ponto de vista, que há igualdade entre os sócios.

A CESPOL contempla, também, esse conceito de democracia em suas normas, respeitando os princípios e a legislação específica do cooperativismo. (Art.53, Parágrafo 1º, Estatuto Social).

Segundo Dahl (1990), as cooperativas são coletivamente possuídas e democraticamente geridas por todas as pessoas que nelas trabalham, entendendo-se a existência de um processo democrático que assegura a igualdade política e a proteção dos direitos dos envolvidos.

É diante disso que nasce a ideia de participação, que pressupõe fazer-se presente no processo decisório, como um ato de ingerência, e não atitude simples de espectador que se limita a assistir ou de mais ou menos longe, contemplar (LIMA, 2000).

Ainda, a participação é a base do trabalho coletivo e, por isso torna-se fundamental a sua prática nas cooperativas. De acordo com Vieitez e Dal Ri (2001), o trabalho coletivo é um processo de trabalho que facilita a participação do trabalhador nas várias dimensões da vida do empreendimento e desenvolve as capacidades intelectuais e emocionais dos indivíduos.

Sendo assim, a fórmula democrática do cooperativismo se alicerça no homem, no indivíduo e não no capital que ele representa, tornando-se num brutal diferenciador em relação às empresas tradicional.

No dizer de Schneider (1999) a participação é fundamental para a qualidade da democracia e esta se constitui num processo calcado na cooperação voluntária caracterizada pela autoajuda e permite à cooperativa diferenciar-se das empresas tradicionais, enquanto instrumento de progresso social.

### **3. METODOLOGIA**

A presente pesquisa foi desenvolvida na Cooperativa-Escola dos Estudantes do Colégio Politécnico da UFSM, que têm a sua sede localizada no Colégio Politécnico da UFSM, Prédio 70.

A CESPOL foi fundada em 15/04/1987 e conta atualmente com 445 cooperados, tendo como foco principal proporcionar aos jovens um aprendizado sobre cooperativismo para que este sirva para formar os bons profissionais do futuro.

Foi utilizado como instrumento para a coleta de dados um questionário com dez perguntas. As questões 1, 2 e 3 são abertas, isto é, o entrevistado respondia livremente a pergunta que abordava conteúdos específicos e teóricos do cooperativismo. As questões 4 a 10 são fechadas, ou seja, apresentam alternativas que podem ser escolhidas de modo objetivo. Na questão 5 as alternativas são em número de 4 (Sim, já leu; Sim, já leu, mas não entendeu; Não nunca leu; e Outros). Na questão 6 as alternativas são: Sim; Parcialmente; Não e Talvez.

Nas demais questões 4, 7, 8,9 e 10 a possibilidade de escolha das respostas recai sobre as alternativas: Ruim, Regular, Bom e Excelente.

Os participantes da pesquisa foram os alunos Curso Técnico em Agropecuária (4º semestre) dos turnos manhã e tarde e que são associados da CESPOL. A escolha deste público se deve ao fato de ser o Curso Técnico da Escola com maior número de associados á Cooperativa. Isso se deve ao fato do curso apresentar vários setores produtivos e a comercialização da produção é feita por meio dela.

Para a coleta das informações, realizada no mês de dezembro de 2013, foram distribuídas cerca de 30 questionários aos alunos que espontaneamente se dispuseram a responder o questionário, sendo que destes retornaram 10.

Nesse sentido pode-se afirmar que a metodologia é um facilitador na produção do conhecimento, tornando-se um instrumento auxiliar no processo de busca de respostas e de formação de novas perguntas. (ECO, 2010)

Sob esta ótica a pesquisa também requer procedimentos formais que levam a pensamentos reflexivos que requerem um tratamento científico, construindo-se no caminho para se conhecer a realidade e descobrir as suas “verdades”. (Marconi; Lakatos, 1986)

É oportuno destacar que os questionários foram distribuídos livremente aos alunos que se colocaram a disposição para colaborar. A devolução ocorreu no dia seguinte.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Para alcançar os objetivos da pesquisa foi aplicado um questionário abordando-se duas temáticas gerais: conhecimentos sobre aspectos teóricos do cooperativismo (questões 1, 2, e 3) e práticas participativas ( questões 4 a 10).

Em relação a primeira temática é necessário ratificar que nas últimas décadas não somente para estudantes que frequentam o espaço físico da escola , o conhecimento se tornou o recurso por excelência. Pessoas que atuam em qualquer meio profissional também o consideram um instrumento imprescindível.

Isso leva à crença que a sociedade em sua permanente transformação, em breve se autodenominará sociedades do conhecimento.

Segundo Demo (2000) as principais características dessa sociedade são: a ausência de fronteiras, porque o conhecimento se desloca sem limitação territorial; grande mobilidade para cima, disponível para todos por meio de uma educação formal adquirida de maneira facilitada; e aquisição em larga escala dos meios de produção, isto é, do conhecimento exigido para a produção.



Esse conjunto de características possibilitará a existência de uma sociedade cuja cultura preponderante será determinada pelo capital intelectual em detrimento de um conjunto de capacidades simplesmente fabris.

Para Levy (1999) a informação e o conhecimento são atualmente as principais fontes de produção da riqueza e de modo muito particular, o conhecimento está nas mãos das pessoas que aprendem, transmitem e produzem conhecimentos de maneira cooperativa em suas atividades cotidianas e que ao ser transmitida de uma pessoa para outra, a informação, não está se prendendo, e ainda, quando está informação é utilizada, ela não está sendo destruída.

Valendo-se dessa compreensão de conhecimento foi proposto estabelecer-se um diálogo com os entrevistados elaborado em três perguntas objetivas cujo questionamento se voltava na busca de respostas abertas. Nele, a temática contemplava saberes a respeito de aspectos teóricos do cooperativismo.

As respostas atribuídas a esse conjunto de questões foram convergentes, ou seja, para cada pergunta elaborada, as respostas apresentaram elevado grau de aspectos afins.

Para a questão 01 que abordava uma definição de cooperativa a resposta unânime dos entrevistados insiste na presença de elementos comuns: “união de pessoas” e “causa ou interesse comuns”. Outros elementos se repetiram diversas vezes: “sem fins lucrativos, organização democrática, respeito aos direitos comuns”.

Para a questão 02, sobre os objetivos da constituição de uma cooperativa as respostas vão em duas direções. A primeira refere à promoção do desenvolvimento econômico e, a segunda, refere à disponibilização de serviços de qualidade aos sócios. No entanto, destaca-se como ideia generalizada o “benefício comum”. Já, para a terceira pergunta, sobre participação econômica dos associados, os entrevistados destacaram como ponto comum “a contribuição igualitária das cotas e o controle existente sobre capital que se integraliza”.

A coesão das repostas para essas três questões revela que os entrevistados apresentam um conhecimento consolidado sobre cooperativismo. Essa situação pode ser compreendida usando-se duas situações. A primeira serve para mostrar que para ingressar em atividades que envolvem cooperação, o pretendente deve estar preparado. Pois a ideia central que move toda a organização cooperativa baseia-se antes de mais nada, no pensamento e convicção de seus

próprios membros, que devem estar empenhados numa ação comum, a fim de se dedicarem às atividades afins e que sejam úteis e benéficas a todos os que fazem parte da associação.

No caso específico da CESPOL, os associados antes de ingressarem recebem um conjunto de informações e orientações sobre o tema e a partir do seu grau de convencimento dos benefícios e vantagens que o cooperativismo proporciona, optam ou não por ingressarem na cooperativa.

A segunda explicação para justificar a coesão das respostas para as três primeiras questões propostas se reporta às grandes tendências mundiais do momento que permeiam o processo de globalização da economia que está a exigir que se conheçam alternativas de organização da sociedade. A realidade do mundo do trabalho e seus vínculos com os aspectos sociais, políticos, econômicos e educativos apresentam incertezas e desafios, que só podem ser superados mediante o ingresso efetivo das pessoas na busca de alternativas economicamente viáveis, tecnicamente exequíveis e socialmente desejáveis.

Diante disso é possível ratificar que a cooperação é uma alternativa avançada de organização social, pois se passaram dezenas de décadas de sua primeira experiência e atualmente representam uma enorme possibilidade de superar dificuldades em torno de necessidades e objetivos comuns nas mais diferentes categorias profissionais. E ao optar por elas o associado já tem ciência dos desdobramentos de sua participação neste processo.

No que diz respeito às práticas participativas contemporâneas em organizações cooperativas, Boron (1994) destaca que há poucos estudos, no entanto, é possível detectar elementos significativos que se reproduzem favoravelmente no comportamento dos indivíduos onde a incidência da participação é crescente.

O primeiro revela sujeitos ativos, capazes de revelarem habilidades, confiança, disponibilidade de tempo e capacidade de investimentos. O segundo elemento é a mobilização, isto é, capacidade de promover oportunidades de outros sujeitos participarem e recrutar pessoas com interesses afins. E, o terceiro elemento é a motivação. Esta é buscada no nível individual e coletivo.

Na perspectiva individual apresentam-se os incentivos positivos (benefícios) e na perspectiva coletiva, salientam-se os objetivos comuns, a sensação de pertencimento a cooperativa, a partilha de valores e o senso de comunidade.

Diante disso é possível observar que a participação é cercada de elementos que representam aspectos decisivos da vida democrática de uma cooperativa.

Na CESPOL a questão 4 respondida pelos entrevistados revela que apenas dois consideram boa sua própria participação na cooperativa, sete avaliaram como regular, e um com participação excelente.

Esse sentimento de ausência da vida da cooperativa pode ser atribuído a motivações pessoais de envolvimento múltiplos dos associados com as tarefas estudantis bem como com afazeres do trabalho e da vida familiar. No entanto, não fica prejudicada a ideia que o cooperativismo apresenta um projeto transformador quanto as possibilidades de participação, enfrentando severas limitações impostas pelo modelo econômico hegemônico (NAMORADO,2001)

Trata-se de uma avaliação da perspectiva individual de uma realidade coletiva e de um olhar valorativo singular de uma perspectiva decisória de conjunto.

As questões 5 e 6 remetem os entrevistados a refletirem sobre a qualidade da sua participação como associados. Especificamente, são perguntados na questão 5 sobre conhecimento que tem do Estatuto da cooperativa. Oito entrevistados leram e não o entenderam e dois simplesmente fizeram a sua leitura.

Na questão 6 há a revelação de que 7 associados conhecem parcialmente os seus direitos e os seus deveres, 2 afirmaram conhecê-los e um associados não os conhece. As respostas atribuídas a essas duas questões revelam um baixo comprometimento com a dinâmica funcional da cooperativa e na equipe diretiva. Mesmo que a confiança seja naturalmente um aspecto positivo, pode produzir, contraditoriamente, uma fragilidade nos sistemas internos de controle e monitoramento, uma vez que o associado pode ter a percepção de se sentir menos útil no seu papel de fiscalizar a gestão como um todo.

Esse nível de participação pode ser denominado de corporativo uma vez que qualifica e esclarece os associados no nível de interesses que remeteu ao ingresso na Cooperativa. (AVELAR; CINTRA, 2007)

As questões 7 e 8 avaliaram a participação dos sócios como membros coletivos da CESPOL.

Na questão 7 o grau de participação dos sócios na cooperativa é tido como ruim , por um entrevistado , regular, por quatro entrevistados e bom, por cinco entrevistados.

Na questão 8 a avaliação pelos entrevistados , da participação dos associados nas atividades da cooperativa é percebida como ruim, por dois associados; regular, por sete associados e boa , por um associado.´

É possível, que a expressão da participação coletiva dos associados, não seja melhor pelo fato de somente serem realizadas atividades de rotina que atendam exigências legais, do tipo prestação de contas, eleições, comunicação de rateios e não atividades que promovam encontros sem a obrigação de atender formalidades como festividades, palestras sobre educação cooperativa, confraternizações, etc. Demo (1999), alerta que a participação é uma conquista e, um processo infindável e passível de ser iniciado a qualquer tempo. Por isso, não existe participação suficiente e nem acabada.

As questões 9 e 10 avaliaram a relação da diretoria com os associados. A questão 9, de maneira específica revelou que a atuação da diretoria no repasse de informações aos associados na temática do cooperativismo é ruim para três associados; regular, para dois; bom , para quatro; e , ótimo, para um associado.

Na questão 10, avaliou-se a atuação da diretoria na divulgação/ difusão do conhecimento sobre educação cooperativa.

Os resultados avaliaram como ruim esta atuação para dois entrevistados; regular, para cinco; bom, para dois e, ótimo, para um entrevistado.

Essas respostas sugerem que além dos mecanismos para colher opiniões e sugestões, a cooperativa deve ter canais para prover ao associado acesso às informações. Ratifica-se a necessidade da cooperativa prover os seus associados de múltiplos meios de propagação de informações, ou seja, disponibilizar murais, internet e jornal/ boletim (próprio).

Esta é a dimensão social da participação. Deve ser entendida como um processo real em que se pode vê-la no grupo que opera na cooperativa. (FRIEDRICH, 1970)

Da análise das respostas obtidas pelos entrevistados é possível perceber que há um significativo domínio dos conhecimentos sobre cooperativismo por parte dos associados, fato que induz os alunos que ingressam na Escola a também ingressarem na Cooperativa- Escola.

No entanto, há déficits, no que se refere à participação desses associados em diversos aspectos avaliados nas entrevistas: na participação pessoal do associado – na qualidade dessa participação- na participação dos associados como coletivo e nas relações da diretoria com os associados.

As assimetrias apontadas pelos associados entre a solidez do domínio do conhecimento específico (questões 1, 2 e 3) e as fragilidades das práticas participativas (questões 4 a 10 expressas em indicadores de baixa participação) apontam para a possibilidade de desestímulo do ambiente escolar, para o descrédito nas soluções avaliadas pela escuta do espírito coletivo e democrático e de uma possível acomodação no que diz respeito à alternância dos membros integrantes do grupo dirigente.

Isso permite afirmar-se que o domínio do conhecimento específico, considerado significativo para o ingresso na cooperativa não necessariamente se reverterá em garantia de êxito na participação e na vida democrática da entidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo do trabalho foi analisar dentre os associados- aspectos teóricos sobre cooperativismo e os níveis de participação dos mesmos na cooperativa de estudante.

No referencial teórico colocou-se em evidência os princípios norteadores do cooperativismo que sustentaram o propósito buscado nas perguntas levantadas no questionário aplicado aos entrevistados. Ou seja, aqueles princípios que bem compreendidos consideram necessário o domínio de um conjunto de conhecimentos básicos do cooperativismo para ingressar numa cooperativa (questões 1, 2 e 3) e, os princípios que evidenciam o espírito democrático dos integrantes das cooperativas que devem zelar pelas permanentes iniciativas que garantem a participação dos associados nas decisões que definem os interesses coletivos como prioritário (demais questões).

Foi indispensável, também, incluir no referencial teórico um breve histórico da inserção do cooperativismo no Brasil, bem como afirmar que a base da participação que deve mover a gestão cooperativa mantém nas relações de igualdade entre os seus associados, o sentido da busca constante da democracia.

Da análise das respostas obtidas dos entrevistados foi possível diagnosticar com clareza que há um significativo domínio de conhecimentos sobre cooperativismo, fato que leva os alunos que ingressam no colégio a também ingressar na cooperativa da Escola.

No entanto, há déficits que se referem à participação desses associados em diversos aspectos da vida da cooperativa: na participação pessoal do associado, na qualidade dessa participação, na participação dos sócios como coletivo e nas relações da Diretoria com os sócios.

As assimetrias apontadas pelos associados, construídas entre a solidez do domínio do conhecimento específico e as fragilidades das práticas participativas (expressas nos percentuais dos questionários) apontam para a possibilidade de desestímulo as práticas cooperativas fora do ambiente escolar; ao descrédito nas soluções avalizadas pela escuta das opiniões coletivas e democráticas; a desconfiança da validade do saber individualmente construída diante de decisões coletivas, além da possibilidade de assegurar pouca alternância (rotatividade) dos membros integrantes do grupo dirigente e ou seu ideário no comando da gestão da cooperativa.

Neste trabalho, pode-se verificar certa dificuldade na recepção da pesquisa, porque falar sobre um assunto é fácil, mas escrever sobre o mesmo é um pouco mais complicado. Foram entregue 30 questionários e só retornaram 10 questionários respondidos, isso mostra uma falta de interesse sobre as questões cooperativistas.

Como sugestão, recomenda-se oferecer aos associados um curso para tratar de temas específicos, tais como: ingressar em uma cooperativa, doutrina cooperativa, seus direitos e deveres e sua participação na mesma, fazendo com que o novo associado antes de ser “efetivado” como sócio saiba exatamente as normas que norteiam o cooperativismo.

Diante do que foi exposto, e, ainda consideram do contexto externo de mundo capitalista, as experiências vividas numa cooperativa-escola servem para demonstrar que este tipo de organização possibilita que se instaurem relações de trabalho mais democráticas e igualitárias, configurando-se numa alternativa que permite uma experiência relacional diferenciada. Se ainda não foi possível vivenciá-la minimamente na sua condição interna, por ser um ambiente de aprendizagem e mudanças permanentes, sempre será possível refazer planos e reconstituir caminhos para que isso ocorra.

## REFERÊNCIAS

AVELAR, Lúcia; CINTRA, Antônio Octávio. **Sistema Político Brasileiro: Uma introdução**. São Paulo, Editora UNESP, 2007.

BORON, A.A. **Estado, Capitalismo e Democracia na América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

DAHL, R.A. **Um Prefácio á Democracia Econômica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e Construção do Conhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 2000.

---

**Participação é Conquista**. São Paulo: Cortez, 1999.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese em Ciências Humanas**. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2010.

FALCÃO, j.l.Fleck; **Fronteiras entre o individual e o coletivo**. Razão Bureau Editorial. Porto Alegre, 2006.

FRIEDRICH, Karl. **Uma Introdução á Teoria Política**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

GAWLAK, Albino; **Cooperativismo: Primeiras Lições**. Brasília, SESCOOP 2010.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34 Ltda., 1999.

LIMA, L.C. **Organização Escolar e Democracia Radical: Paulo Freire e a Organização Democrática da Escola Pública**. São Paulo: Cortez, 2000.

MARCONI, Marisa; LAKATOS, Eva. **Metodologia do Trabalho Científico**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 1986.

MDT- **Estrutura e Apresentação de Monografias, Dissertações e Teses**. 8 ed. Santa Maria: Ed da UFSM 2012.

NAMORADO, Rui. **Horizonte Cooperativo. Política e Projeto**. Coimbra: Almedina, 2001.

OCB (2013) <sup>1</sup> [http://www.ocb.org.br/site/brasil\\_cooperativo/index.asp](http://www.ocb.org.br/site/brasil_cooperativo/index.asp) Acesso em 24 nov.2013

PINHO. D. Benevides; **Economia e Cooperativismo**. Editora Saraiva. São Paulo, 1977

QUEIROZ, C.A.R.Souares; **Manual da Cooperativa de Serviços e Trabalho**. 5 ed. São Paulo, SP: Editora STS, 1998.

SCHNEIDER, J.O. (Coord.). **Educação e Capacitação Cooperativa**. Editora Unisinos. São Leopoldo, 2010.

\_\_\_\_\_. **Democracia, Participação e Autonomia Cooperativa**. São Leopoldo: Unisinos, 1999.

Tinta Nova, Velhos Dilemas-COOPER- <sup>2</sup> <http://santamaria-rs-brasil.blogspot.com.br/2012/04/tinta-nova-velhos-dilemas-cooper.html> Acesso em 28 nov.2013

VEIGA, S.MAYRINK. , et al. **Cooperativismo: Uma Revolução Pacífica em Ação**. Editora DP&A, Rio de Janeiro, 2002.

VIETEZ, C. G.; Dal RI, N.M. **Trabalho Associado: Cooperativas e Empresas de Autogestão**. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

WERLANG, K. C.; Costa, J.R. M; Melo B.E.V. **Metodologia Científica: Orientações para elaboração de projetos, Relatórios e Curriculum Vitae no Colégio Politécnico da UFSM**. Ed. 4. UFSM. Santa Maria, 2008.



## APÊNDICE

### APÊNDICE A

## QUESTIONÁRIO

**1.** O que é uma Cooperativa?

**2.** Quais os objetivos da constituição de uma Cooperativa?

**3.** Como é a participação econômica do associado na Cooperativa?

**4.** Como você avalia a sua participação na Cooperativa?

Bom	Regular	Ruim	Ótima	Excelente

### 5. Você já leu o Estatuto da Cooperativa?

( ) Sim, já leu                      ( ) Sim, já leu mas não entendeu                      ( ) Não nunca leu                      ( ) Outros

### 6. Você conhece os seus direitos e deveres como associado?

( ) Sim    ( ) Parcialmente    ( ) Não    ( ) Talvez

### 7. Como você avalia o grau de participação dos sócios nas atividades da Cooperativa?

Ruim	Regular	Bom	Ótima	Excelente

### 8. Como você avalia a participação dos sócios nas Assembleias da Cooperativa?

Ruim	Regular	Bom	Ótima	Excelente

### 9. Como você avalia a atuação da Diretoria no repassa de informações ao sócio referente ao tema Cooperativismo?

Ruim	Regular	Bom	Ótima	Excelente

### 10. Como você percebe a atuação da Diretoria na divulgação/ difusão de conhecimento sobre Educação Cooperativa?

Ruim	Regular	Bom	Ótima	Excelente

